



FLORES ENFORCADAS

MICHELE LEGUIÇA

FORAMASA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leguiça, Michele
Rosas enforcadas [livro eletrônico] / Michele
Leguiça. -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS :
Fora da Asa - Experiências Plurais, 2026.
ePub

ISBN 978-65-85262-14-9

1. Mulheres - Vítimas de violência 2. Poesia
brasileira 3. Violência contra as mulheres
I. Título.

26-357148.0

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Flores Enforcadas

Autora: Michele Leguiça

Arte da capa: Adriana Pereira Kury

Editoração e revisão final: Camila Alexandrini

Fotografias: Sophia Leguiça Pesce

Diagramação: Lis Bortoli Henz

Produção: Fora da Asa, selo TodAs EscreVemos

todAs
escrevemos

APRESENTAÇÃO

Sou uma escritora-testemunha.

“Não escrevo sobre — escrevo de dentro.”

Para entender quem escreve estas páginas, é preciso conhecer a rede que me sustenta. Sou Michele: filha de Vera e Hermes, irmã de três mulheres e um homem, mãe da Raphaella e da Sophia, avó da Manuella. Nasci e vivo na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul — lugar onde aprendi que palavra dita em voz alta muda de natureza. Aprendi isso antes de qualquer sala de aula.

Sou mestre e doutora em Educação pela UFRGS. Carrego esses títulos não como moldura, mas como ferramenta — colocada a serviço de uma coisa só: a quebra dos ciclos de violência que atravessam gerações de mulheres como a minha.

Este livro nasceu desse lugar. Das histórias sussurradas na cozinha. Das que morreram sem nome no noticiário. Das que sobreviveram sem que ninguém perguntasse o preço.

Escrevo para que a Manuella — e tantas outras netas nossas — possam amanhã dar passos que eu ainda precisei lutar para dar.

E deixo meu clamor, como reza, como encanto: te quero viva, te quero pulsante em tua essência. A todas as mulheres que, como eu, se recusam a aceitar o inaceitável.



Michele Leguiça

maio/2026



FLORES ENFORCADAS

Michele Leguiça

O QUE OS ANOS REVELAM

De **2019 a 2026**, os registros mostram um padrão que não se dissolve com o tempo:

mulheres mortas por companheiros ou ex-companheiros;

crimes cometidos dentro de casa;

filhos presentes no momento da execução;

medidas protetivas que não impediram o desfecho.

Os anos passam.

O roteiro se repete.

Memorial aberto

Este jardim não encerra a história.

Ele a **impede de ser apagada**.

Cada nome aqui inscrito não é estatística:

é um corpo interrompido, uma vida arrancada, uma ausência que permanece.

Não foi fatalidade.

Não foi impulso.

Foi feminicídio.

Este jardim **não encerra a história** — ele a sustenta.

Enquanto houver nomes que precisam ser lembrados, ele permanece aberto.

Não foi silêncio.

Foi aviso ignorado.

Não foi acaso.

Foi feminicídio.

Leitura da linha do tempo

Entre **2019 e 2026**, os feminicídios na Fronteira Oeste revelam padrões recorrentes:

autores íntimos (companheiros ou ex-companheiros);

término da relação como momento crítico;

filhos como testemunhas diretas ou indiretas;

medidas protetivas insuficientes para interromper a violência.

A inclusão de **2026** mostra que, mesmo se não houvesse morte matada “*O feminicídio*”, **a violência de gênero pulsa e mata (de forma simbólica/real) em suas várias faces (violência vicária, psicológica, patrimonial) segue produzindo danos irreversíveis.**

Encerramento do memorial

Esta linha do tempo não fecha ciclos.

Ela os **expõe**.

Enquanto houver datas que precisam ser marcadas
para lembrar mulheres que não deveriam ter morrido,

O jardim permanece aberto.

Mapa

As cidades mudam.

As palavras permanecem.

Onde o mapa termina,

o vocabulário da violência continua.

Fronteira Oeste do RS (2018–2026)

2018

Uma mulher é morta a tiros dentro de casa.

Os filhos estavam presentes.

A violência inaugura o calendário que não se fecha.

2019

Quatro nomes atravessam o mesmo ano.

Uma mulher foi encontrada em uma pousada.

Outra à beira da estrada.

Outra morta a tiros diante dos filhos.

Outra esfaqueada no próprio apartamento.

O endereço muda, o gesto se repete.

2021

Uma mulher é estrangulada após o fim de um relacionamento.

A filha encontra o corpo.

O silêncio chega antes da polícia.

2022

De madrugada, a casa deixa de ser abrigo.

A morte acontece enquanto a cidade dorme.

O término, mais uma vez, é tratado como afronta.

2023

Uma mulher registra ocorrência.

O papel existe.

A proteção não chega a tempo.

O corpo cai horas depois.

2025

Foi assassinada com 127 facadas

2026

A ausência no trabalho acende o alerta.

Colegas encontram a morte.

O companheiro foge, se esconde, é preso.

O ciclo não se encerra — apenas avança no calendário.

Esta linha do tempo não conta todos os casos.

Ela conta o suficiente para que ninguém diga que não sabia.

Não caiu do céu, não tropeçou no destino.

Foi cortada.

Havia avisado que o espinho feria. Havia dito o nome da dor. Mas a dor foi tratada como costume, e o costume, como silêncio.

Os muros ouviram. Os vizinhos ouviram. O sangue ficou nas roupas.

O Estado chegou depois, como quem visita um jardim já devastado.

Mais uma rosa enforcada.

Não porque quis morrer,

mas porque viver mulher ainda exige atravessar lâminas invisíveis.

Coro das rosas enforcadas

(vozes sobrepostas, não identificadas)

— Eu avisei.

— Eu também.

— Eu disse baixo.

— Eu gritei.

— Chamaram de briga.

— Chamaram de ciúme.

— Chamaram de amor torto.

— Ninguém chamou de crime.

— Meu corpo ficou dentro da casa.

— O meu, dentro do casamento.

— O meu, dentro do medo.

— Todas ficamos dentro.

— Havia sangue.

— Havia faca.

— Havia roupa suja.

— Mas não havia urgência.

- Denunciei.
- Desisti.
- Acreditei que passaria.
- Disseram que era assim mesmo.
- Assim mesmo como?

- Morremos uma por uma,
- Mas nos enterram no plural:
estatística, caso isolado, fatalidade.

- Não foi surto.
- Não foi momento.
- Não foi excesso.
- Foi método.

- Somos rosas enforcadas,
- Não pela própria haste,
- Mas pelo fio invisível da omissão.

- Cada pétala arrancada
- é uma denúncia arquivada.
- Cada espinho ignorado
- é um grito normalizado.

- Não nos chamem de frágeis.
- Fomos resistentes até o limite do corpo.

- O Estado chegou depois.
- Sempre depois.
- Depois do silêncio.
- Depois da morte.
- Depois que o jardim já estava devastado.

- Cantamos agora,
- Porque quando gritamos sozinhas,
- Ninguém ouviu.

- Que este coro não seja lido em voz baixa.
- Que este coro não seja tratado como metáfora.
- Somos aviso.
- Somos prova.
- Somos memória.

- Enquanto houver uma rosa pendurada,
- Nenhum jardim está em paz.

A voz do machismo e racismo

— **A voz do Estado, do patriarcado, do racismo institucional.**

Ele não grita: **burocratiza.**

Não canta: **justifica.**

Não mata: **autoriza a morte.**

A voz do machismo e misoginia

(a voz que explica, absolve e normaliza)

— Algo ela fez.

— Sempre tem dois lados.

— Era briga de casal.

— Coisa de família.

— Não parecia tão grave.

— Ela provocou.

— Ela sabia com quem estava.

— Ela voltou porque quis.

— Ele perdeu o controle.

— Estava bêbado.

— Foi um momento de raiva.

— Quem nunca?

— Era um bom homem.

— Trabalhador.

- Pai de família.
- Religioso.

- Nunca tinha feito isso antes.
- Sempre foi calmo.
- Os vizinhos nunca viram nada.

- Ela não pediu medida protetiva.
- Ela não quis representar.
- Ela não compareceu depois.

- Faltou prova.
- Faltou testemunha.
- Faltou tempo.

- A denúncia era antiga.
- Já tinha passado.
- Essas coisas se resolvem.

- Não foi feminicídio.
- Foi tragédia.
- Foi fatalidade.
- Foi excesso.

- Não podemos generalizar.
- Nem criminalizar todos os homens.
- Nem exagerar.

- Ela fez por merecer.
- Ela sabia do risco.
- Ela insistiu.

- O sistema fez o que pôde.
- Dentro das possibilidades.
- Dentro do protocolo.

- Infelizmente,
- Não deu tempo.

- Agora é investigar.
- Agora é arquivar.
- Agora é esquecer.

- Próximo caso.

A misoginia, o machismo;

não tem empatia

não tem nome

não tem corpo

Racismo

Tem cor

Tem endereço

Bandido bom é bandido morto.

São **as engrenagens**.

As vozes das vítimas **batem** contra a parede da linguagem institucional.



MANIFESTO DAS ROSAS QUE NÃO SE CALAM

Este livro não começa com uma frase. Começa com um nó.

Um nó de fio de varal amarrado no pescoço de uma flor.

Começa com a imagem de rosas enforcadas — presentes de aniversário que sobreviveram três meses para contar uma história mais antiga que a própria vida.

Aqui, não há alegorias delicadas.

Há testemunho. Há carne. Há o martírio silencioso da mulher que nasce na periferia e aprende, antes das letras, que sua beleza/existência será interceptada. Que seu afeto será lido como fraqueza. Que sua voz, quando erguida, será chamada de “loucura”.

Rosas Enforcadas é o nome desse grito.

Cada capítulo que se segue é uma pétala arrancada e examinada à luz crua:

A traição que chega não só pelo amante, pelo cotidiano profanado que o patriarcado nos sujeita.

O luto – a luta de mulheres que não morreram de uma vez, mas foram enforcadas devagar, dia após dia, como essas flores penduradas.

E a pergunta que ecoa, como um verso teimoso: como é que a gente ainda sente saudade de quem juntou as coisas e foi embora? E o vamos sentir sobre aquelas/es que não tiveram chance de se despedir e nada levaram?

Presas em gaiolas de ouro, coleiras de diamantes, a misoginia em sua versão mais visceral, normaliza, justifica e romantiza a violência praticada pelos abusadores e criminosos culpabilizando nós mulheres pela violência sofrida, não basta morrer uma vez, temos que morrer de todas as formas pensadas, possíveis e impossíveis de se imaginar enquanto humanidade.

Este livro é um ato de desobediência epistêmica.

Recusa o lugar de “flor descartável”. Recusa o silêncio como destino.

Entre essas páginas, a arte não é ornamentação — é trincheira. A fotografia das rosas murchas, o texto que desconstrói apelidos, a poesia que pergunta ao espelho, tudo isso é um só movimento: o de quem pega a própria dor e a transforma em linguagem, para que ela não a transforme em pó.

Escrevo do lugar da mulher que ainda “guria” foi atravessada pela maternidade e toda sua rede de exigências, que pescou sem saber, que dançou mesmo com o coração partido. Do lugar de quem não quis ser “a outra”, mas sim inteira. Do lugar de quem descobriu, tarde, que a família tem cores diferentes e histórias sussurradas, e que o racismo entra pela fresta antes que a gente aprenda a fechar a porta.

Rosas Enforcadas é, portanto, um memorial.

Um luto coletivo por todas nós que carregamos, nas costas, a carga de dores que não nos pertencem — e ainda assim nos moldam. Por aquelas que foram enterradas levando consigo segredos demais. Por aquelas que seguem vivas, mas com a alma suspensa, enforcada no varal do cotidiano.

Mas este livro é também um manifesto de resistência.

Porque as rosas, mesmo murchas, permaneceram.

Porque a palavra, mesmo calada por anos, encontrou seu caminho de volta.

Porque nós, mulheres da periferia, não somos apenas sobreviventes — somos criadoras de sentido. Tecedoras de narrativas. Guardiãs de uma força que não se rende.

Que estas páginas sejam um espelho para quem se reconhece nelas.

E em abrir de olhos para quem nunca precisou viver com um nó no pescoço, e sem saber de forma sutil vivem afogadas em promessas para “toda vida, até a morte”.

Aqui, não oferecemos respostas fáceis.

Oferecemos verdades em flor — mesmo que sejam flores enforcadas.

Oferecemos a coragem de olhar para a própria sombra e dizer:

Eu te nomeio. Eu te transformo. Eu te liberto.

Este é o nosso lugar de pertencimento e luta.

Esta é a nossa primavera desobediente.

— Eu, entre rosas e palavras.

Do solo ensanguentado, renasço depois da poda.

Um lugar acolhedor para morrer, diziam os ramos que a convidavam ao sono.

Enforcada em seus galhos que brotam resistência e vida, uma última seiva corre,

enquanto a árvore, cúmplice e túmulo, floresce em crueldade alheia.

Pensemos no repertório emocional como um compilado de afetos, sentidos historicamente forjados. A chamada “inteligência” que os governa: seria ela capaz de antever o turbilhão alheio?

Todos sentimos a mesma coisa ao sermos podados pela morte — esse risco emocional último, esse desencarne que é também abandono de um lugar no mundo?

Quem tem licença para chorar?

Quem pode gritar aos quatro ventos sua dor sem ser silenciado?

Quem tem direito a enlutar-se, e por quanto tempo, antes que a dor vire diagnóstico — um desvio a ser medicado?

Até onde se estende o preço de morrer? Quanto custa quitar o ritual da dor, onde até o luto tem taxa e o amor se mede em flores e caixões dourados?

Sabemos: as emoções também são um campo de batalha, generificado e ocidentalizado.

E o “amor eterno”? Esse que, além de matar, assegura uma morte em vida.

Confinada à cama da viúva, com seu cisne lapidado — frio, branco, decorativo.

Sua memória, reduzida a um arquivo doméstico: os quitutes perfeitos, os filhos criados, a avó dedicada.

Um epitáfio de afazeres, apagando a mulher que havia por trás dos serviços.

Ainda que não queiramos falar sobre a morte, ela insiste.

Está no noticiário cotidiano, na mata derrubada, no animal atropelado, o acidente de carro à beira da estrada.

Está nas cruzes fincadas no asfalto — pequenos santuários improvisados que sussurram:

Aqui alguém foi interrompido.

Qual é o lugar que damos à morte que não é notícia?

À morte que é poda brutal, mas também — talvez — renascimento em forma de grito, de verso, de memória que não se deixa apagar?



OMÃ

Falar de Omã é falar de muitas mulheres, uma geração chefiada por mulheres. Por uma situação ou outra ao longo do tempo, surgiram problemas de relacionamento, mas essas mulheres, que vieram a partir dela, tiveram na sua maioria que romper com as normas sociais e também serem líderes familiares. Assumindo esse papel, a minha bisavó, de certa maneira, tentou envolver-se num processo de história e ficção para que possamos refletir sobre a sua trajetória de vida. Ela é contada de várias formas por tias avós, e primas da minha mãe, e se entende que ela seria uma nativa aqui da fronteira, que naquela época ainda não era um território marcado. Omã seria seu nome de origem, quando adulta foi registrada como Rosa, é chamada por todos/as como Júlia.

Ela vivia em seu grupo familiar à beira do rio e, ainda muito jovem, criança, foi removida e levada para o outro lado do rio para cuidar de um adolescente que estava com tuberculose, uma doença cruel na época. Nesse mesmo sentido, enquanto ela cuidava dele, a comida era passada por baixo da porta para que não tivesse contato e não se contaminasse. Ela acabou ficando com ele até a morte dele. Com a morte dele, seu irmão mais velho começou a explorá-la sexualmente para satisfazer seus próprios desejos. O que entendemos hoje melhor (estuprada). Muito antes de começar a menstruar, aos 13 anos, ela já estava grávida. Quando sua barriga começou a aparecer (a criança bastarda), a família que a havia removido de seu grupo familiar a devolveu para o rio, de onde a havia pegado.

Só que esse grupo familiar já havia trocado de lugar devido à época na fronteira oeste, que passava por uma retomada territorial. Sua família não tinha papéis e muito menos era alfabetizada para lutar pela terra. Eles já haviam ido embora. Ela se refugiou na mata, fez seu abrigo e teve sua filha ali, sozinha e ainda jovem, com medo. Conheceu um guarda de fronteira que, na época, estava fazendo uma caminhada, pois o Brasil já estava naquela questão de marcar território. Ele trabalhava como guarda de fronteira, conheceu-a e a partir dali, eles tiveram um relacionamento, que mesmo não registrado como um casamento, fez com que João Manuel, também nativo 'bugre', passasse a ser o marido dela. Com ele, teve mais 13 filhos, totalizando 14 filhos.

Ele, ainda jovem, foi chamado para “uma briga”, e essa briga durou muito tempo. Quando ele retornou, voltou cego e foi devolvido para casa. Ela, ainda muito jovem, continuou a cuidar dele. Ele ficou mais uns 6 ou 7 anos em casa, até que completou o número de filhos que tinha. Ela, com 32 ou 34 anos, ficou viúva e teve que criar os 14 filhos. Ele fazia parte do serviço militar, algo referente ao quartel ou exército, mas ela não tinha direito algum por não ter o casamento oficialmente reconhecido, apesar dos filhos e de todo o tempo que viveram juntos.

Com isso, passou a ficar sem renda nenhuma e, nesse sentido, começou a oferecer seus trabalhos de forma mais intensa: suas garrafadas, benzeduras e leitura de mão, para que pudesse terminar de criar seus filhos. Aqueles que já eram mais velhos foram colocados em casas de famílias para executar atividades domésticas ou trabalhos braçais, ajudando, assim, a sustentar as crianças menores.

Conta-se ainda que, logo que ela ficou viúva, alguns forasteiros tentaram se fazer passar por "marido" de Omã. Ela sabia (o vento sussurrava em seu ouvido) e, buscando guardar sua família, deitava-se debaixo de uma árvore em frente ao seu casebre de chão batido. Para cuidar de sua casa e de seus filhos e filhas, mantinha seu facão debaixo do travesseiro, para usá-lo como arma. Deixava seus filhos mais velhos em alerta para qualquer barulho, podendo, assim, lutar para proteger seu lar e seus filhos, especialmente as meninas, que sabia que seriam fáceis, assim como um dia ela foi dentro do seu grupo familiar.

Contudo, ela continuou a fazer seus encantamentos. Encantava a lua, cantava para ela, para que iluminasse seu barraco e a ajudasse a cuidar de sua prole. Sei que ela deve ter sofrido muito, e seus encantamentos foram sendo conhecidos, principalmente no que se referia a relacionamentos. Uma tia minha conta que às vezes a via fazendo uma fogueira, vestindo-se com vestidos longos e cantando em uma língua que não era nem argentina, referindo-se ao espanhol, nem brasileira. Ela lamentava aquela música; sentia dor ao ouvir. Romã cantava para a lua a noite inteira, passava dias cantando como se pedisse ajuda.

Além disso, ela era muito procurada para acompanhar mulheres grávidas. De certa maneira, ficava cuidando delas e ganhava mantimentos em troca desse cuidado. Quando havia partos, ela corria junto com outras mulheres desse lugar para amparar e cuidar de momentos tão intensos, para os quais, na época, tinham poucos instrumentos e conhecimentos científicos.

Certa vez, falei para minha tia sobre estar presente na morte de várias pessoas, e ela me olhou e disse: "Tu não sabes? Nunca ninguém te falou?" Entendo que tua mãe ou as mais jovens não tenham lhe dito, mas muitas de nós fizemos um pacto de silêncio para que nada respingasse em você. Assim como sabemos que Omã é parteira da vida, também somos parteiras da morte. Sabemos que, assim como precisamos de auxílio para nascer e ser cuidadas ao nascer, também muitas de nós teremos o lugar de abrir o caminho para partir e renascer em outro lugar. Talvez esse seja o teu destino; não posso confirmar, mas você vai

sentir a presença da morte. Você saberá o que fazer e o que falar, mesmo que nunca ninguém tenha te falado sobre isso.

Eu sei que não estamos prontas para falar sobre a morte. Nós estamos, mas os outros dizem que não. "Aprenda comigo", é claro que eu quero aprender, disse para ela, mas também sei que falar sobre o nascimento de alguém jovem, de um bebê, é algo mais suave, enquanto pensar em ver alguém morrer nos entristece, nos deixa em um lugar que parece nebuloso. Ela riu e disse: "Ainda não, criança, te acalma. São dois lugares muito parecidos. Não deixe que os olhos dos outros, daqueles que chegaram, te roubem o que puderam te roubar: o lugar de partir, de ser parteira do fim."

Correu como vento, a questão dessa oposição de Omã, que se colocou em frente à não aceitação de que mais ninguém entrasse em seu lar e lhe tomasse qualquer outra coisa, assim como foi feito quando criança. Ela ficou conhecida entre outras mulheres que, ao se divorciarem, eram colocadas para fora, ou que, ao se envolverem em um namoro, eram entregues à desonra e expulsas pela família. Assim, em volta da casa de Omã, ela deixava que essas mulheres permanecessem, ajudava a cuidar delas e as alimentava com o pouco que tinha. Não podia, naquele momento, oferecer-lhes luxo, mas proporcionava um lugar para dormir, uma conversa, um abraço e um cobertor para se tapar no frio inverno da fronteira, além de um chá quente.

É claro que ela continuou a mostrar que seus encantamentos tinham força e que ela poderia, sim, ler e prever muitas coisas. Porém, quanto mais ganhava fama entre a burguesia, menos perto ficava deles, pois acabava sabendo de segredos que colocavam algumas damas e homens renomados em perigo moral. Nesse sentido, Omã se deu conta de que seu silêncio era mais do que necessário. Mais uma vez, ela serviu em um lugar onde sua existência deveria ser como o ar: todos precisavam, mas ninguém a via, apenas aguardavam com vontade suas garrafadas e seus xaropes famosos, feitos com ervas/jujos que colhia com todo cuidado em busca da saúde.

Suas benzeduras a ajudavam a curar acalmar tempestades quando, do lado do Uruguai, se formavam aquelas barras escuras, nuvens que devoravam o céu. Omã pegava sal, tesoura, às vezes o machado, dependendo da formação no céu, e ali benzia, falava e orava para o tempo. Pedia cuidado com os lares — lares de todos, independentemente de quem fossem. Ela implorava ao céu que os poupasse do temporal, poupasse da perda, sabendo da necessidade da natureza de se manifestar em todos os seus sentidos. Mas também sabia que, às vezes, essas manifestações custavam a vida dos seres humanos. Mesmo assim, clamava

para a tempestade poupá-la, a ela, à sua família e ao grupo onde sua oração alcançasse.



OMÃ, A SENHORA DOS ENCANTAMENTOS

Omã

Não comento.

Entro.

E deixo que a noite fale.

Omã — a Senhora dos Encantamentos da Terra

Escutem.

Antes da rosa domesticada, antes da Dona Rosa que a burguesia inventou para se proteger do próprio medo, havia a raiz.

A raiz que não se dobra.

A raiz que não pede licença.

A raiz que, quando enforcada, aprende a respirar pela terra.

Omã veio dessa raiz — funda, antiga, enterrada na cicatriz de 1935, em que Brasil, Argentina e Uruguai se mordem até hoje. Ali, seu povo era sombra encurralada, mas sombra não é fraqueza: é o que sobra quando tentam apagar a luz. Omã aprendeu cedo que silêncio não é ausência. Silêncio é arma. Silêncio é aço.

A sabedoria escapava dela como cheiro forte: no amargo das garrafadas, no *jujo* macerado, no nome verdadeiro que queimava a língua.

Nascida entre 1870 e 1875, foi enforcada pela primeira vez aos oito anos — e não morreu.

Criança arrancada do rio, entregue como “presente” a uma casa burguesa. Dormia no chão, ao lado do menino tuberculoso, ouvindo o tossir da morte. E enquanto isso, o filho mais velho da casa plantava violência em sua terra infantil. Nada escondido. Nada negado. Era posse. E a posse sempre quer mais.

Grávida assim que o corpo começou a brotar, foi expulsa com oito meses de barriga. A família de origem fugira para a Argentina, assombrada por ameaças e pelo assassinato do líder do grupo. Sozinha, Omã pariu a primogênita entre as matas, à beira do Rio Uruguai, sob o grito da lua. Ali ela entendeu:

a terra dá filhos, mas leva homens.

Depois veio o ‘bugre’ andarilho — guarda de fronteira Luiz. Com ele, mais treze brotos. Viúva aos trinta e sete, Omã não tombou. Chamavam-na de *cigana* pelos cabelos de noite e pelos **olhos gatiados**, verdes de bicho que enxerga no escuro e sabe farejar o caminho de volta.

Sua força desceu dos braços para as mãos.

Mãos que colhiam *jujo*.

Mãos que benziam crianças empachadas.

Mãos que costuravam moléstias, liam destino, puxavam encantamento como quem puxa linha de dentro da terra.

De dia, a burguesia fingia não ver.

De noite, batia à sua porta.

Queriam cura. Queriam aborto. Queriam traição sem culpa. Queriam marido preso, amante preso, desejo preso. Omã ouvia tudo. Cada segredo era moeda.

Cada acerto, um fio de poder. E ela trançava esses fios como quem prepara corda para enforcar o mundo.

A Festa da Liberdade

A Dona da Casa Noturna — mulher de olho afiado e bolso fundo — teve uma ideia que cheirava a lucro e perigo.

Marcaria a **Festa da Liberdade**.

Liberdade para quem?

Para os homens “de bens”, claro — os que mandavam, os que batiam o martelo, os que decidiam quem vivia e quem morria.

Mandou convite bordado a ouro.

Chamou coronéis, juízes, donos de terra, comerciantes de fronteira.

Prometeu música fina, bebida rara, carne fresca.

Prometeu o que eles mais gostavam:

a sensação de que o mundo era deles.

No salão, preparou tudo com mão de ferro:

— lamparinas penduradas como luas pequenas,

— mesas cobertas de renda,

— vinho grosso vindo da Argentina,

— cachaça de melado,

— cerveja escura que suava no gargalo,

— e um licor vermelho que ela dizia ser de romã, mas que queimava como pecado.

A música tocava num ritmo lento, arrastado, de bandoneón e violão — melodia de quem dança com a própria sombra.

As damas treinavam o sorriso.

Os homens treinavam o poder.

A Dona queria mais que festa.

Queria **amarrar** aqueles homens ao salão.

Queria que voltassem sempre, gastando, bebendo, se perdendo.

Queria encantamento.

E encantamento, ela sabia, só Omã podia dar.

A Colheita de Omã

Na mesma noite da festa, Omã entrou mata adentro.
A lua cheia era faca.
A mata era ventre.
E ela era a mão que corta e colhe.
O chão estava úmido, respirando.
O cheiro era de barro quente, folha esmagada, bicho rondando.
Ela caminhava descalça, sentindo a pulsação da terra subir pelos calcanhares.
Colheu raízes escuras, retorcidas como veias de morto.
Arrancou cascas que sangravam leite amargo.
Cavou com as unhas até achar o que prende, o que suga, o que faz o desejo
lembrar o caminho de volta.
Soprava palavras antigas — meio canto, meio ameaça.
A mata respondia.
O vento fechava o corpo.
Os bichos silenciavam.
Era noite de trabalho pesado, noite de encantamento que não aceita
testemunha.

O Encontro das Duas Noites

Enquanto Omã colhia, a festa fervia.
O salão cheirava a perfume doce, suor quente, bebida derramada.
Os homens falavam alto, riam alto, prometiam alto.
As damas circulavam como estrelas cansadas.
A música repetia a mesma dor — alguém que partiu, alguém que não volta,
alguém que deixou um vazio.
Quando Omã voltou, o caldeirão já a esperava.
Ferveu mágoa, amargor, restos de homens.
As damas trouxeram copos usados, cigarros mordidos, pentes com fios de
cabelo, lenços manchados.
Omã limpou a calçada de joelhos, da rua para dentro do salão.
Cantava para o sol que ainda não tinha nascido.
Batia o pano no chão como quem bate sentença.
E na língua originária, lançou: (o que traduzo)
— **Brocha.**
Nunca mais hão de penetrar.
Nem com os dedos dos pés.
O encanto caiu como pedra no fundo do rio.
Três dias de falência.
Três dias de desejo errante.
Três dias de homens poderosos sem poder nenhum.

Depois, veio o cuidado.
As mulheres foram banhadas com chá de flores, defumadas com ervas
luminosas.
Omã usava um Porongo em forma de seio para lançar proteção, leveza,
esquecimento do ódio alheio.
O pagamento veio em mantimentos, latas de doce, algum dinheiro.
Mas o que alimentava Omã era outra coisa:
o mel amargo da vingança.
Sentada à porta do boteco, olhando a mata, sorria um sorriso invisível.
Por um instante, não era benzedeira.
Não era parideira.
Não era Dona Rosa.
Era a **primeira Rosa Enforcada.**
A que abriu o caminho.
A que ensinou que mulher que não se dobra vira lenda.
A que mostrou que a raiz, quando pisada, cresce mais funda.
A que deu origem às que fugiriam da regra, quebrariam cercas, cuspiriam na
norma, seriam chamadas de bruxas, indomáveis, perigosas.
E em algum ponto do tempo, os grandes senhores — os homens de bens, do bem
— deixaram de existir por uma noite.
O suficiente para Omã saber:
a raiz permanece.
E dela brotaram outras.
E outras.
E outras.
Até que o mundo aprenda a temer, de novo, o poder das mulheres que a terra
não conseguiu matar.



HERANÇA DE ESPINHOS

A primeira corda não foi no pescoço.
Foi Omã quem trançou,
com o resto de linho e o resto de esperma,
um nó cego no tempo.
Ela amarrou o desejo do algoz
nas raízes de agosto,
e enquanto o palácio tremia em silêncio,
ela ensinava à filha o segredo:
— A mulher que cura com flores
é a mesma que enforca o destino.
O mel amargo passou de boca em boca.
Mas o arame da cerca ainda avançava,
e a neta de Omã,
nasceria descalça,
com o mapa da fuga tatuado na planta dos pés.

Os Segredos de Omã e Suas Mulheres

Dizem que, depois da Festa da Liberdade, Omã ficou ainda mais temida.
Mas o que poucos sabem — e o que só as mulheres contam entre si, de boca colada no ouvido — é que **aquela noite não foi o fim do encantamento.**

Foi o começo.

Porque Omã não era só benzedeira, nem só parideira, nem só a Rosa Enforcada que voltou da morte com a raiz mais funda.

Omã era **abrigo.**

E o abrigo dela não tinha porta.

Tinha **vontade.**

A Casa de Mulheres que Não Cabiam no Mundo

Aos poucos, começaram a chegar.

Primeiro uma.

Depois duas.

Depois tantas que a mata decorou seus passos.

Vinham de longe, de perto, de dentro da própria vergonha.

Vinham com o corpo marcado, com o nome sujo, com o destino quebrado.

Vinham porque alguém disse:

— Vai pra Omã.

Ela te recebe.

E Omã recebia.

Recebia **a divorciada**, que o marido expulsou por “insubmissão”.

Recebia **a prostituta**, que a cidade cuspiu, mas desejava em silêncio.

Recebia **a vadia**, palavra que os homens inventaram para nomear o que não controlavam.

Recebia **a que fugiu do altar, a que não quis parir, a que pariu demais, a que amou outra mulher, a que não amou ninguém.**

Recebia **as que não cumpriram as regras culturais** — porque Omã sabia que regra de homem não vale para mulher que nasceu da terra.

O Ritual do Acolhimento

Quando chegavam, Omã não perguntava nada.

Só mandava tirar o calçado.

Pisar o chão.

Sentir o barro.

Deixar a dor escorrer pelos dedos dos pés.

Depois, ela passava o porongo em forma de seio pelo corpo da recém-chegada.

Não era bênção.

Não era cura.

Era **reconhecimento**.

— Aqui tu não és resto — dizia.

— Aqui tu és raiz.

E a mulher chorava.

Chorava como quem volta para casa depois de séculos.

O Conselho das Indomáveis

À noite, sentavam em roda.
Fogão a lenha, chaleira chiando, cheiro de *jujo* queimando devagar.
Omã falava pouco.
As outras falavam muito.
Contavam suas histórias como quem arranca espinho.
Riam alto como quem desafia o destino.
Planejavam futuro como quem afia faca.
Ali, naquela roda, nasceu o que depois chamariam de **linhagem das indomáveis**.
Mulheres que fugiam da regra.
Que quebravam cercas.
Que cuspiram na norma.
Que foram chamadas de bruxas, loucas, perigosas.
E Omã, no centro, só observava.
Com seus **olhos gatiados**, verdes de mata molhada.
Com seu silêncio de aço.
Com sua paciência de raiz que sabe esperar a hora certa de romper o chão.

Os Segredos que Não se Escrevem

Há quem diga que Omã ensinou ervas.

Há quem diga que ensinou encantos.

Há quem diga que ensinou a matar.

Mas as mulheres que viveram com ela dizem outra coisa:

— O maior segredo de Omã era ensinar a não pedir perdão por existir.

E isso, sim, era perigoso.

Mais perigoso que feitiço.

Mais perigoso que veneno.

Mais perigoso que faca.

Porque mulher que não pede perdão vira tempestade.

Vira rio cheio.

Vira incêndio.

Vira história.

A Rosa que Enforcaram e Não Mataram

No fim, todas sabiam:

Omã era a primeira.

A Rosa Enforcada primordial.

A que abriu o caminho para as outras.

A que mostrou que a raiz, quando pisada, cresce mais funda.

A que ensinou que mulher que não cabe no mundo inventa outro.

E assim, no silêncio da mata, no fundo da noite, no calor da roda, nas mãos que se davam, nas histórias que se cruzavam, nas lágrimas que viravam riso, nas dores que viravam força —

nasceu o que ninguém pôde arrancar:

a irmandade das mulheres que não se dobram.



RETALHO DIÁRIO: O NÓ NO TEMPO

Nós duas chegaríamos adiantadas, como se o cronômetro das gerações tivesse pressa de se resolver. Ela viria de bicicleta, vinda da vila com sua camiseta de time — a armadura de quem ainda precisa lutar contra o mundo lá fora. Eu chegaria de chinelo de dedo, com o passo lento de quem já aprendeu a observar as tempestades por dentro.

O primeiro contato seria ali mesmo, na calçada, sem cerimônias ou disfarces. Nos olharíamos reconhecendo o abismo de tempo entre nós e, então, nos abraçaríamos como nunca soubemos que precisávamos: um reencontro de quem nunca se deixou, mas que se perdeu em algum jardim árido pelo caminho.

Entraríamos no café para esticar o instante. Entre o café passado e o pão com manteiga — o gosto de sempre com a textura da memória — o silêncio seria cortado pelo olhar dela, preso não no meu rosto, mas nos meus braços.

“AS TATUAGENS”

Ela as lia como um mapa de um território desconhecido. Onde antes ela via apenas sinais de derrota, eu agora ostento as cicatrizes transformadas em marcas de caminho.

— Tatuadas agora? — ela perguntaria, com a voz temerosa de quem toca uma ferida aberta no tempo.

— Sim. Agora podemos carregar nossas marcas sem tantos medos — eu responderia, sentindo o peso da herança de Omã vibrar na minha pele.

Vi seus ombros relaxarem, uma libertação silenciosa. Mas antes que eu pudesse perguntar sobre seus planos de menina, ela me interromperia com a urgência de quem precisa saber se houve sobrevivência após o sufocamento:

— Posso te fazer qualquer pergunta sobre o que se passou?

Olhei para ela com a ternura de quem sabe que algumas perdas são irreparáveis, mas que nosso encontro é um lugar sagrado para olharmos nossos eus com detalhe. Eu sabia que ela pensava nas derrotas e na dureza de ser mulher. Então, entreguei a ela o único presente que o futuro poderia garantir:

— Me faça um pedido.

E ela, com os olhos firmes e o sangue de Omã correndo nas veias, exigiu:

— Coragem. Sempre.

Segurei sua mão. Nossos dedos se tocaram e, por um instante, a menina que sobrevivia e a mulher que escreve foram uma só no tempo.

— Contigo, sempre.

Ali, entre o café morno e o eco do que somos, o futuro e o passado se abraçaram. As rosas que um dia seriam enforcadas ainda eram apenas botões fechados no peito dela, mas agora ela sabia que eu estaria lá para ajudá-la a atravessar o caminho de quem caminha **avulsa e descalça**.

O corpo como mapa de memórias

Meu corpo não pediu permissão.
Ele aprendeu cedo que existir, sendo mulher, já é um gesto político.

A primeira marca foi pensada em silêncio.
Num lugar tímido, escondido —
como quem pede desculpas antes mesmo de ser acusada.

Escolhi um ponto do corpo onde ninguém visse.
Disse a mim mesma que era prudência.
Disse aos outros que era medo de enjoar.
Mas a verdade era outra:
eu precisava justificar o direito de marcar a própria pele.

Porque tatuagem em corpo feminino
— ainda mais em corpo de mãe, de dona de casa, de mulher da fronteira —
sempre soa como desvio.
Como afronta.
Como sujeira onde esperavam pureza.

A primeira imagem nasceu do luto.
Meu pai partiu sem aviso
e deixou um vazio que não cabia no peito.
Escolhi flores nativas do Pampa,
essas que crescem apesar do vento,
e um símbolo de infinito envolvendo a data do nascimento:
o oito deitado,
tempo que não termina,
presença que não se apaga.

Era meu jeito de dizer:
algumas ausências continuam morando na gente.

Depois vieram outras travessias.
O divórcio.
O processo de desatar nós.
O dia em que entendi que não precisava mais de álibis
para existir em mim.

Passei a tatuar o que pulsa.
O que insiste.
O que me constrói.

Vieram os objetos que contam histórias:
o filtro dos sonhos,
pendurado entre o dormir e o acordar,
para peneirar pensamentos,
para barrar pesadelos,
para lembrar que nem tudo precisa atravessar.

Veio o dente-de-leão,
memória da infância no campo.
Eu fechava os olhos, respirava fundo
e soprava desejos no vento:
liberdade, estudo, família por perto,
uma bicicleta,
qualquer promessa que coubesse na fé de uma criança.

Soprar era um ritual.
Como se o vento fosse correio.
Como se os desejos soubessem encontrar caminho
até os quatro cantos do mundo.

Quando percebi,
metade das minhas costas já era território marcado.
Para quem só tinha uma tatuagem pequena, escondida pela roupa,
aquilo parecia exagero.
Para mim, era mapa.

Borboletas, sonhos, aviões, vento.
O movimento como linguagem.
O desejo de não permanecer onde me sufocam.

Depois vieram as mulheres.

Tatuei Medusa —
não o monstro,
é a mulher punida por uma violência que não cometeu.

Uma titã transformado em ameaça
porque ousou existir sem submissão.

Tatuei a Mulher que Corre com os Lobos,
no braço,
para lembrar que nascemos livres/assim deveriam nascer...
e passam a vida tentando sobreviver à domesticação.

Uma música sertaneja ecoava ao fundo.
A história da mulher que cansou de esperar.
Que cansou de dormir sozinha.
Que decidiu partir.

Na letra, ela se transforma em mariposa
e dança numa casa noturna
que o homem frequentava mais do que o lar.

Ali entendi:
algumas mulheres só viram monstros
depois que escolhem ir embora.

Tatuei mariposas.
Porque também me cansei.
Porque também parti.
Porque sobreviver, às vezes, é virar outra coisa.

Meu braço virou narrativa.
Um inventário de sobrevivência.
Um arquivo vivo de rótulos, estigmas e resistências.

Há quem olhe e veja perversão.
Há quem veja algo macabro.
É o preço de não caber
no ideal de mulher limpa, contida, prendada, silenciosa
do lugar de fronteira onde cresci.

Por último, veio Katrina.
A figura mexicana do Dia dos Mortos.
Não como culto à morte,
mas como guardiã da memória.

Porque não vivemos só o presente.
Carregamos as que vieram antes.
As que abriram caminhos com os pés feridos.

As que não puderam falar.
As que não puderam escolher.

Somos feitas de muitas mulheres.

Meu corpo é altar e varal.
Nele penduro minhas histórias.
Nele carrego o peso dos olhares confusos
e a coragem de seguir mesmo assim.

Não me limpei para agradar.
Não me calei para caber.
Não escondi para sobreviver.

Aqui estou:
tatuada,
mal falada,
inteira.

Com minhas marcas.
Com minhas mortas.
Com minhas escolhas.

Meu corpo não é vitrine.
É território reconquistado.

E cada desenho na pele
é uma rosa que se recusou
a morrer enforcada em silêncio.



AVULSA E DESCALÇA: O ESTIGMA DA FLOR PÁLIDA

O "Para Sempre" de Vidro

Eu tinha treze anos quando entendi que o olhar também é uma forma de violência.

Meu pai olhava minhas amigas como quem testa o peso de uma fruta com a mão.

Não era uma distração.

Era uma escolha.

Ele era vinte anos mais velho que minha mãe, mas nunca se via velho.

Velha era ela.

Sempre ela.

Dizia, na nossa frente, que precisava emagrecer, se arrumar, ajeitar o cabelo, as unhas, a postura. Que precisava voltar a ser a menina que ele conheceu. Como se os anos tivessem passado apenas sobre o corpo dela, como se duas gestações, uma adolescência roubada e uma vida inteira não deixassem marcas nele também.

Minha mãe dizia que não tinha tempo. Nem dinheiro.

Dizia que o mais importante era ser mãe.

Eu hoje sei: ela dizia isso para sobreviver.

Meu pai tinha cabelos e barba grisalhos, uma calvície que a psoríase desenhava como ferida aberta no couro cabeludo. Tentava esconder com chapéus e bonés estrangeiros, como se o idioma pudesse disfarçar a idade. Passava horas no espelho, estufando o peito, sugando a barriga, ensaiando juventude. Frequentava a academia mais cara do bairro enquanto faltava dinheiro para o aluguel.

Eu achava engraçado quando confundiam minha irmã com neta dele. Meu pai não ria. Endurecida o corpo, como se ainda estivesse em disputa com o tempo.

Foi ali que comecei a entender o que minha mãe chamava de *viuvez em vida*.

Ela conversava com a tia Rosalina na cozinha, sempre em tom baixo. Quando eu me aproximava, as frases murchavam. Mesmo assim, algumas coisas atravessavam a porta:

- Quando ele começa a te diminuir.
- Quando elogia outras mulheres na tua frente.
- Quando faz do teu corpo um erro.

Eu não entendia tudo, mas sentia. Sentia no ar, na pausa entre uma frase e outra, no modo como minha mãe passava a mão no próprio braço, como se estivesse sempre se explicando para alguém invisível.

— E quando ele não vai mais na festa da escola — disse minha irmã um dia, sem saber.

Minha mãe não chorou.
Piscou devagar.
O choro ficou guardado.

Com o tempo, o dinheiro começou a desaparecer. Não de uma vez. Aos poucos. Primeiro um brinco. Depois o rádio. Pequenos objetos que iam sumindo como se nunca tivessem existido. Ele dizia que não faziam falta. Eu aprendi cedo: *não fazer falta* era o nome que ele dava para tudo que não era dele.

À noite, o quarto virava território proibido. Quando eu entrava, ele abaixava a tela do computador, como quem fecha uma porta com violência.

— Já passou da tua hora. Sai daqui.
— Minha mãe toma remédio pra dormir — eu disse uma vez. — E o senhor não devia falar dela assim.

No dia seguinte, contei tudo a ela. O computador. As noites. As telas escondidas. Vi o corpo dela afundar um pouco mais dentro de si mesma, como se já soubesse, mas precisava ouvir para cair.

Na véspera do aniversário dela, planejamos uma festa surpresa. Mas naquela noite ela pediu que dormíssemos na casa da tia Rosalina. Antes de sair, me perguntou se eu sabia a senha do pai. Eu sabia. Ela me beijou com uma gratidão que doía.

No dia seguinte não houve festa.

Minha mãe chegou cedo, com os olhos inchados, o rosto lavado de choro. Descobriu tudo: os e-mails, os nomes ridículos, as fotos, os poemas baratos, as palavras que feriam mais do que tapa. Descobrira que era descrita como velha, gorda, sem desejo, cheirando a fritura. Que ele dizia estar com ela apenas por obrigação. Que expunha a intimidade dela como mercadoria.

Lembro do banho.
Ela sentada no box, de roupa, a água escorrendo como se pudesse levar embora o nojo. Eu via os dedos dela tremendo depois, tentando fechar o botão da camisa. Vi os comprimidos alinhados na mesa. Um atrás do outro. Remédios para dormir. Para acordar. Para esquecer.

Depois do confronto, ele lhe deu um presente: uma gargantilha de ouro, com duas bonequinhas penduradas. Disse que era para selar a paz. Minha mãe segurava aquele colar como quem segura um peso morto. O ouro não brilhava. Afundava. Era um túmulo pequeno pendurado no pescoço.

Nunca mais voltamos para casa.

Meu pai nunca nos procurou.

Anos depois soubemos que ele estava internado. No mesmo hospital. A diferença é que agora minha mãe era a enfermeira-chefe. A diferença é que agora ela não precisava mais pedir licença para existir.

No dia em que saímos de casa, minha mãe tirou os sapatos antes de pisar na calçada quente. Segurei a mão dela. Ela estava descalça. Avulsa.

E eu entendi:
não era abandono.
era raiz.



O AMOR QUE SOBROU NO VARAL

Arrumar as sacolas dele foi como desmontar um santuário. Cada peça de roupa dobrada era uma promessa desfeita, um suspiro enterrado. Enquanto as mãos moviam os objetos, partes de mim eram esvaziadas. Percebi que não estava apenas mandando ele embora; estava enterrando o "nós", a história construída entre cafés e chimarrões. As sacolas tornaram-se a lápide de um amor que não resistiu.

O Diagnóstico da Mágoa

A dor no peito não era física; era o peso de saber que quem estava dentro da minha casa, compartilhando a rotina, também habitava segredos com a minha própria prima. O médico foi certo: "O que tu tá sentindo é mágoa". Ali, entendi que precisava me colocar como prioridade. A traição foi o arame que tentou me coroar, mas eu escolhi a desobediência.

O Ritual das Rosas Enforcadas

Para processar o fim, não bastava o silêncio. Peguei as rosas do aniversário — aquelas que viram o início do fim — e as suspendi. O enforcamento das flores é a representação visual de cada vez que fui calada, de cada "não" que ele usou para negar a realidade. Ao simular o enterro e me coroar com o arame, encerrei o luto coletivo das mulheres da minha linhagem.

A Lição do Fim

Quando a porta finalmente se fechou e o armário ficou vazio, o silêncio não foi um inimigo, mas um aliado. Percebi que não perdi o amor, mas a expectativa de quem eu queria que ele fosse. Rasgar o último cartão do primeiro aniversário foi o gesto simbólico final: ele já não era quem eu conhecia, e eu já não era a mesma. Ela era Malvina (a bisneta), não era apenas alguém que observa o passado, mas como a **protagonista** que decide quebrar o ciclo. Ela é quem segura a mão da sua versão despida de regras sociais: "agora nós temos o mapa, a morte".

O ENCANTAMENTO FINAL: MALVINA, A COVEIRA DE SI

Omã olhou para a mata do rio Uruguai e viu o princípio. Seu encantamento era de raiz e vingança, uma força telúrica que subia da terra para enredar os opressores. Ela plantou uma semente de fúria sagrada que atravessou gerações.

Eu, Malvina, neta dessa linhagem de mulheres silenciadas e ressurgentes, olho para o mesmo rio e vejo o fim que é um começo. Minha magia não é de enredar, mas de desatar. Meu encantamento é o enterro das dores.

Tudo o que Omã começou na mata, eu concluo na rua descalça e avulsa. Ela foi tirada do rio; eu escolho voltar a ele. Não como dona Rosa, não como a esposa-obstáculo, não como a doente-deprimida, não como a amante. Mas como Malvina, a coveira de si mesma.



O RECONHECIMENTO NA MORTE

Ao descrever este espaço que sou, eu me reconheço na morte.

Sou o corpo sem vida sobre a mesa fria do necrotério da minha própria história.

Sou a funerária que prepara o rosto, apaga os vestígios do pranto.

Sou a coveira que cava, com as unhas sujas de terra, a vala do que fui.

E acima de mim, pendente como um céu ameaçador, está a coroa de rosas enforcadas.

Cada rosa, uma mulher que veio antes.

Minha avó, enforcada pela pobreza.

Minha mãe, enforcada pela submissão.

As damas da noite, enforcadas pelo desejo alheio.

Eu, Malvina, enforcada pela promessa de um "para sempre" que era uma cela.

Este é o jardim da minha herança: um terreiro de pescoços torcidos, pétalas murchas pelo mesmo sol implacável do machismo. Um lugar que nos retira a vida simplesmente por existirmos — rosas cultivadas apenas para embelezar os jardins dos outros, obedecer às podas, oferecer nosso perfume e depois secar em silêncio.



O RITUAL À BEIRA DO RIO

O lugar escolhido não é um cemitério consagrado.

É a margem úmida do rio Uruguai, onde a fronteira é uma linha imaginária sobre águas escuras e memórias profundas.

Aqui, o barranco é testemunha de fugas, de amores proibidos, de corpos jogados e de corpos que se libertaram.

Não haverá caixão de madeira polida.

Envolverei meu corpo — este corpo que foi objeto de desejo, de desdém, de doença — em um lençol de linho cru.

Dentro, levarei os artefatos da minha vida que não quero que renasçam:

As mensagens impressas as cartas e bilhetes, já amareladas.

A gargantilha com duas bonequinhas, agora oxidadas.

Os frascos de remédios que me apagaram por dois anos.

A foto do cinema onde acreditamos em "que era para sempre".

E as pétalas secas de todas as rosas enforcadas que carreguei.

Não convido ninguém. Mas aqueles que, por um fio de destino ou saudade, chegarem ao meu velório imaginário, testemunharam o fenômeno:

Uma chuva forte e repentina lavará a poeira da estrada de terra.

Uma ventania virá do lado argentino, uivando como um coro de mulheres ancestrais.

A natureza se fará coveira, funerária e testemunha.

O Encantamento da Terra

Ao chegar à margem, despeço do lençol.

Entro nas águas escuras não como uma suicida, mas como uma oferenda à ciclagem sagrada

A correnteza não me levará. O barranco me receberá.

Deito-me na encosta úmida, onde a terra é negra e fértil.

E começo o canto — o último encantamento, aprendido não com ervas, mas com a dor transformada em sabedoria:

Ó terra da fronteira, terra de ninguém e de todas,

recebe esta filha que não é mais roseira, mas raiz.

Toma o corpo que foi amado e depois desprezado.

Toma a mente que foi invadida e depois apagada.

Toma o coração que jurou para sempre e descobriu o nunca.

Com as mãos, cubro-me de terra. Folhas úmidas. Argila fria.

Sinto o peso do mundo sair de meus ombros e se tornar, O Novo Jardim.

Enquanto a chuva amacia a terra sobre meu corpo simbólico, faço a última invocação:

“Que desta cova onde me deito, não nasça outra roseira enforcada.

Que nasçam ervas daninhas de resistência!

Que brotem samambaias, seremos flor de Tuna que crescem nas pedras!

Que surjam capins que ninguém consegue controlar, ortigas que tocas ardam sua pele!

Que deste meu silêncio final ecoem gritos de outras que se recusam a ser podadas.”

O encantamento se completa.

Não é um feitiço de amor ou de vingança.

É um *encantamento de dissolução*.

Omã usou a terra para amarrar.

Eu uso a terra para me desamarrar.

E quando a última porção de solo cobrir meu peito imaginário, e a chuva afundar tudo em uma única massa negra e fértil, só restará uma verdade, ecoando nas águas do rio:

A coveira concluiu seu serviço.

A morta foi enterrada.

A terra agora guarda seu segredo.

E o que vier depois — seja erva, flor ou apenas vento — será livre. Será avulsa. Será nova.

Malvina não renasce.

Malvina descansa.



OS CADERNOS OCULTOS DE OMÃ

O Caderno de Encantos de Omã

Dizem que Omã guardava um caderno sem capa, costurado com linha grossa, cheiro de couro velho e fumaça de fogão.

As mulheres chamavam de **El Caderno**, porque na fronteira nada é puro — tudo é mistura, tudo é língua cruzada.

Ali não tinha receita.

Tinha **modo de fazer**.

Tinha **modo de sobreviver**.

Coisas assim:

*“Quando a lua tá cheia, gorda como pão tirado do forno,
tu arranca a raiz que se esconde debaixo do espinilho.*

Não pede licença.

A terra conhece quem é seu.”

Ou:

*“Pra cortar o desejo de um homem,
não usa faca.*

Usa silêncio.”

E ainda:

*“Se uma mulher chega quebrada,
não tenta colar.*

Deixa ela falar.

A palavra é o primeiro remédio.”

O caderno não ensinava feitiço.

Ensinava **coragem**.

Ensinava **desobedecer**.

Ensinava **não morrer**.



AS FUGIDAS DA FRONTEIRA

As mulheres que chegavam à casa de Omã eram chamadas de **las fugidas**. Fugidas do marido, do padre, da polícia, da cidade, da própria culpa.

Chegavam com barro até o joelho, cabelo desgrenhado, peito arfando como bicho acuado.

Omã só dizia:

— *Vem, minha filha. Aqui ninguém te pergunta nada.*

E era verdade.

Na casa dela, não existia interrogatório.

Existia **recomeço**.

As fugidas aprendiam a plantar, a colher, a benzer, a esconder, a mentir quando precisava, a dizer a verdade quando doía.

Aprendiam a caminhar na mata sem deixar rastro.

Aprendiam a olhar um homem sem baixar os olhos.

E, acima de tudo, aprendiam a frase que Omã repetia como reza:

— *Mulher que se salva sozinha, salva todas.*



A NOITE EM QUE AS INDOMÁVEIS TOMARAM A CIDADE

Foi numa noite quente, dessas que o vento não sopra e o céu pesa.

As indomáveis — como passaram a ser chamadas — desceram pra cidade.

Não foram pra brigar.
Foram pra **existir**.

Entraram no bar.
Entraram na praça.
Entraram na venda.
Entraram na igreja.

Os homens ficaram mudos.
As mulheres, inquietas.
As crianças, com os olhos arregalados.

As indomáveis caminhavam devagar, com o queixo erguido, como quem diz:

— *Tamo aqui. E não vão nos apagar.*

Ninguém tocou nelas.
Ninguém ousou.

Porque atrás delas, mesmo invisível, vinha Omã.
Vinha sua sombra.
Vinha sua raiz.
Vinha seu aviso:

— *Quem toca numa, toca em todas.*

E naquela noite, pela primeira vez, a cidade sentiu medo.
Não delas.
Do que elas anunciavam.



O JULGAMENTO DAS BRUXAS QUE NÃO SE ARREPENDEM

Quando começaram a chamar as mulheres de bruxas, Omã riu.
Riu com os dentes todos, riu com o peito, riu com a alma.

— *Bruxa é a mulher que não pede perdão por ser forte* — dizia.

E assim nasceu o **Julgamento das Bruxas**.

Não era tribunal.
Era roda.
Não era acusação.
Era memória.
Não era castigo.
Era libertação.

Cada mulher dizia em voz alta aquilo que o mundo queria que ela escondesse:

- *Me divorciei.*
- *Me deitei com quem quis.*
- *Não quis parir.*
- *Pari demais.*
- *Amei outra mulher.*
- *Não amei ninguém.*
- *Fui puta.*
- *Fui vadia.*
- *Fui livre.*

E Omã respondia sempre igual:

- *Então tu és das nossas.*

No final, queimavam ervas no fogo.
O cheiro subia como promessa.

E todas repetiam:

- *Não nos arrependemos.*
- *Não nos ajoelhamos.*
- *Não nos calamos.*

Era mais que ritual.
Era renascimento.



A ÚLTIMA NOITE DE OMÃ

Dizem que toda mulher tem uma noite que a escolhe.
A de Omã chegou devagar, como quem não quer assustar, mas vinha carregada de presságios.
O vento não soprava.
A mata não respirava.
O rio parecia ter engolido a própria voz.

As mulheres sentiram primeiro.
As fugidas, as indomáveis, as que ela recolheu do mundo — todas ficaram inquietas, como bicho que pressente mudança de tempo.
Uma delas disse:

— *Hoy la noche tá pesada, Omã.*

E Omã, com seus **olhos gatiados**, respondeu só com um meio sorriso.
Ela sabia.
A terra sempre avisa primeiro àquelas que nasceram dela.



O CHAMADO DA MATA

Quando a lua subiu, redonda e amarela como gema de ovo, Omã se levantou devagar.

Pegou o porongo em forma de seio.

Pegou o pano velho.

Pegou um punhado de *jujo* seco.

— Fiquem aqui. Não me sigam.

A voz dela era firme, mas tinha um tremor de despedida.

As mulheres obedeceram, mas ficaram com o coração preso na garganta.

Omã caminhou mata adentro.

Descalça.

Silenciosa.

Como se voltasse para casa depois de muito tempo.

A mata abriu caminho.

Os galhos não arranharam.

Os bichos não fugiram.

A noite parecia reconhecer sua dona.



O LUGAR DO RETORNO

Ela chegou ao mesmo ponto onde, décadas antes, tinha parido a primeira filha
— sozinha, com o corpo sangrando e a lua gritando.

O mesmo barranco.

A mesma curva do rio.

A mesma terra que a viu nascer de novo.

Omã ajoelhou.

Passou a mão na água.

Cheirou o barro.

Sussurrou palavras antigas, que só as mulheres da sua linhagem entendiam.

— Eu volto pra ti, minha mãe.

Mas não volto sozinha.



A VISÃO

As mulheres, lá na casa, sentiram o chão tremer.

Uma delas caiu de joelhos.

Outra começou a chorar sem saber por quê.

Outra viu, por um instante, a sombra de Omã passando pela porta — mas a porta estava fechada.

A noite estava cheia dela.



O ENCANTAMENTO FINAL

Na beira do rio, Omã acendeu o *jujo*.
O cheiro subiu grosso, amargo, como lembrança ruim que insiste em voltar.

Ela ergueu o Porongo.
Ergueu o rosto.
Ergueu a voz:

— Eu fui enforcada e voltei.
Fui tomada e voltei.
Fui calada e voltei.
Agora eu vou porque quero.
E deixo minhas filhas pra continuar o que comecei.

A lua tremeu.
O rio abriu um brilho.
A mata se curvou.

E Omã...
Omã simplesmente **desapareceu**.

Não afundou.
Não caiu.
Não virou bicho.
Não virou fumaça.

Desapareceu como raiz que volta pra terra.



O AMANHECER

Quando o sol nasceu, as mulheres foram até o rio.

Não encontraram corpo.

Não encontraram pegada.

Não encontraram nada.

Só o Porongo, boiando devagar, como se esperasse ser recolhido.

A mais velha pegou.

A mais nova chorou.

A do meio disse:

— Ela não morreu.

Ela voltou pra onde sempre esteve.

E todas entenderam.



A ROSA QUE NUNCA DEIXA DE NASCER

Desde aquela noite, dizem que, quando uma mulher foge, quando uma mulher rompe, quando uma mulher diz “não”, quando uma mulher escolhe a própria vida — a sombra de Omã passa atrás dela.

Dizem que, quando um homem tenta dobrar uma mulher, sente um arrepio que não sabe explicar.

Dizem que, quando a lua está cheia e a mata fica quieta demais, dá pra ouvir um canto baixo, arrastado, vindo do rio.

E dizem que, em algum ponto da fronteira, nasce sempre uma rosa selvagem, de pétalas escuras, impossível de arrancar.

Porque Omã não teve uma última noite.

Teve **retorno**.

E a raiz dela — a raiz que enforcaram e não mataram — permanece.



POSFÁCIO

PARA QUE NENHUMA OUTRA ROSA SEJA ENFORCADA

Camila Alexandrini

Este livro não termina aqui.

Ele não fecha como se fecha uma porta — ele permanece entreaberto, como um aviso.

Porque a violência contra as mulheres não é passado.

As palavras de Michele carregam algo que não pode mais ser ignorado: o fato de que mulheres continuam sendo feridas, controladas, diminuídas e mortas — muitas vezes por aqueles que dizem amá-las, muitas vezes diante de todos, muitas vezes depois de terem pedido ajuda.

E o que mais assusta é a naturalização da violência.

É o “ninguém sabia” quando todos ouviram.

É o “não parecia tão grave” quando ela já gritava.

É o “foi de repente” quando a violência vinha sendo construída há anos.

A violência contra as mulheres não começa no golpe final.

Ela começa no controle disfarçado de cuidado.

Na palavra que diminui.

No olhar que vigia.

Na culpa que é jogada sobre quem sofre.

E cresce — quando o mundo escolhe não interromper.

Este livro nos entrega um espelho difícil.

Ele nos obriga a olhar para aquilo que muitas vezes preferimos não ver: que o feminicídio não é um acidente — é o ponto final da história de uma mulher.

Por isso, este posfácio não é apenas memória.

É responsabilidade.

Porque lembrar não basta se não transforma.

Sentir não basta se não move.

É preciso romper o ciclo que transforma dor em rotina.

É preciso recusar as narrativas que protegem os agressores e silenciam as vítimas.

É preciso entender que cada mulher que sobrevive carrega marcas.

Este texto não pede compaixão.

Pede consciência.

E mais do que isso: pede posicionamento.

Que ninguém saia destas páginas dizendo “é triste”.

Que saia dizendo: isso precisa parar.

Porque enquanto houver uma mulher vivendo com medo,
enquanto houver uma sendo desacreditada,
enquanto houver uma sendo silenciada,
nenhuma de nós pode dizer que está em paz.

Que este livro não seja apenas lido —

que, sobretudo, ele nos lembre:

nenhuma mulher deveria precisar resistir para existir.



Ilustrações: <http://bit.ly/3OQLj50>



o Estado chegou depois
"não deu tempo"
não há flagrante
flagrante *"ela provocou"*
fim do relacionamento **corpo encontrado** depressão trabalho
"faltou prova" **filhos presentes** *para sempre*
investigação liberdade vizinhos ouviram
dentro de casa nunca mais
"o gesto se repete" ameaçar **marido** madrugada
chorar **sofrimento** denunciar
Maçambará protocolo **agredir** Uruguaiiana
filhas **bater** amor **silêncio** Alegrete
"infelizmente" ferir **dor** **não** *"ele era bom homem"*
delegacia **liberado** **medo** vazio **companheiro** fronteira
noite **solto** **companheiro** solidão
tristeza fugir **culpa** ausência arquivado
esperança **medida protetiva** *"coisa de família"*
"sempre tem dois lados" **sangue nas roupas**
"eu já estou morta" **sem medida protetiva**
"já tinha passado" ocorrência
"era briga de casal"
"faltou testemunha"